

A Sociologia, um bar, o equilibrista, uma beata e a Darleny: tudo a ver!

Cristiano das Neves Bodart³

Roniel Sampaio da Silva⁴

Carlos Keyti da Silva Shimakura⁵



Diferentemente da Astronomia e de outras ciências, temas sociológicos são assuntos de bar. Sabia? Os temas discutidos são quase sempre sociológicos, mas a forma de discuti-los quase sempre não o são. Como assim? Você deve estar se perguntado! É isso mesmo. Podemos falar de assuntos de Sociologia sem pensar sociologicamente, assim como podemos falar de problemas sociais e não sociológicos. Os problemas ou os temas sociais discutidos no bar só passam a ser sociológicos quando apresentam, em sua análise, um rigor científico próprio da Sociologia.

É comum todos acharem que sabem explicar um determinado fenômeno social, como, a prostituição, o desemprego, a moda, a pobreza, entre outros assuntos. Cada pessoa tenta explicar à seu modo. Algumas explicações são até bem lógicas, outras sem o menor sentido. Algumas buscam explicações na religião, no acaso ou no fenômeno em si.

É comum ouvir a expressão “olhe, a questão é a seguinte...”. Certamente, quem usa esta frase quer ganhar o direito de estar certo. Quem, também, não ouviu a famosa frase vinda dos mais velhos: “desde que me entendo por gente é assim...” Ou ainda: “na minha época era assim...”. Estas frases são usadas para impor uma suposta explicação verdadeira ou, no caso da última, apresentar uma explicação na defensiva, buscando deixar claro que é assim, e que se não for é por que mudou de uns tempos pra cá. A verdade é que a vida é como o futebol, todos se acham técnicos, capazes de explicar as regras do jogo. O certo é que os fenômenos que acontecem em nossa volta

³Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. E-mail: cristianobodart@hotmail.com

⁴Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: ronielsampaio@gmail.com .

⁵Autor das ilustrações do texto. E-mail: ckss.inazuma@hotmail.com .

nos instigam a buscar compreendê-los.

Mas o que tem a Sociologia com isso? A Sociologia se alimenta do cotidiano e ao mesmo tempo procura iluminá-lo. Em outras palavras, é do cotidiano que o Sociólogo “pega” o fenômeno que irá estudar. Assim acaba tratando da mesma coisa que o cidadão comum. O que muda é a forma de explicar as coisas. Isso nos lembra um episódio que nos ocorreu, no ano de 2004, em um bar na cidade de Guaribas, localizada no interior do Piauí.



A noite estava quente e resolvemos, depois de um congresso, ir a um bar. Não sabíamos que uma cidade tão pequena nos proporcionaria tanta reflexão, e olha que não foi nas palestras. Quando chegamos no local, havia uma roda de pessoas discutindo e apontando para uma mulher que estava sentada em uma mesa ao lado. Devido a curiosidade, perguntamos qual era o assunto.

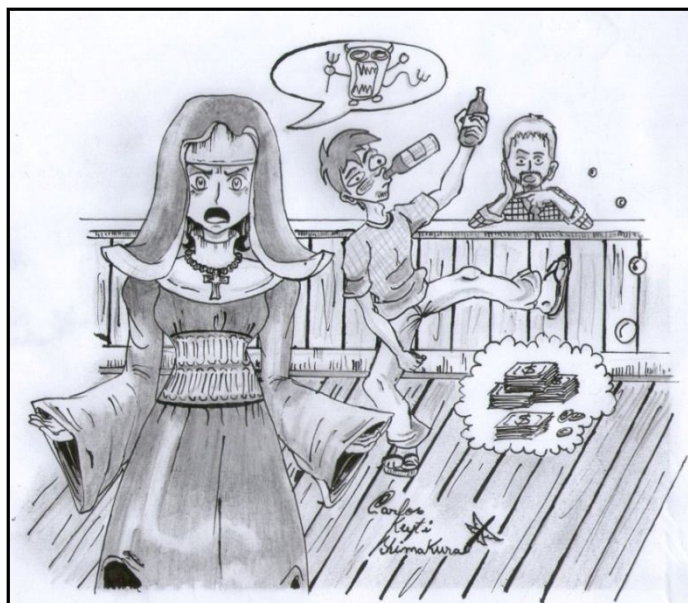
Um bêbado, conhecido como Equilibrista (entendi na hora o porquê do apelido), nos disse: Nois tamu suntano a Darleny.

- Quem é Darleny? Perguntamos.
- É que o Antoin disse que ela é quenga porque quer. Disse Equilibrista.
- É pura safadeza dela! Gritou Antônio, por detrás do balcão do bar.

Nessa hora, Equilibrista subiu na cadeira, ou melhor, tentou se equilibrar nela, e antes de se espatifar no chão gritou:

- Ela é quenga por semvergonhonhice. Ela gosta é da bufunfa. Num quer trabaiair!

Ele gritou tão alto que uma beata, que passava na frente do bar, ouvindo aquilo gritou em resposta, sem olhar para o ambiente: é coisa do demo! Ela tá encapetada!



De repente um silêncio. Parecia que a discussão havia acabado. Após alguns segundos alguém gritou: pergunte prus cabras da cidade o porquê Darleny é quenga. Percebemos que estavam falando de nós. Ficamos sem reação. Como nada dissemos, Equilibrista sugeriu para que alguém perguntasse a própria Darleny. Foto que não ocorreu. Todos, exceto nós que nada dissemos, concordaram, acreditando que só a Darleny saberia responder essa questão.

Nós então dissemos que éramos sociólogos e que poderíamos ajudar. Logo veio duas “pergunta afirmativas”, enfáticas e bombásticas: e daí? Estamos falando da Darleny e vocês vêm com essa religião? Equilibrista, depois de entornar mais uma dose de pinga, disse: se nois caricesse de tirar o capeta dos côro da cutruvia, nós chamava a beata que passou indagorinha por aqui. Nois tudim é católico!

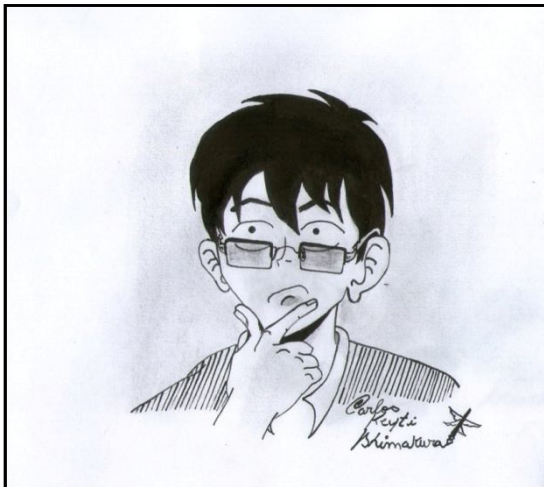
- Eu sou discrenti – gritou mais uma vez Antônio por de traz do balcão.
- Te discunjuro Antoin. Diabeisso? Tá duvidano de Deus? Perguntou equilibrista.

Fomos explicar o que era ser Sociólogo. Todos se interessaram pela explicação, prestando atenção no que estávamos a falar, até que afirmamos que havíamos estudado justamente para explicar a situação da Darleny. Nesse momento gritaram para a Darleny: Eita cunhã que tu tá famosa na capital! É a primeira vez que vejo

universidade estudar quenga!

Tentamos dizer a eles que existiam várias “Darlenys” no Brasil, quando alguém nos interrompeu dizendo: Darleny Danadinha de Guaribas (assim ela era chamada na região) só tem uma!

Tentamos então explicar que existiam mais coisas para além da Darleny - Danadinha de Guaribas. Buscamos argumentar que existem fatores que influenciam as escolhas e o comportamento das pessoas. Foi aí que Equilibrista falou algo que nos fez entender que a forma de enxergar o mundo não é só questão de aprendizagem, mas também como “você está no mundo e ele em você”. Ele nos interrompeu e disse: seus cabras sociólogos, entendo o que tão dizem. Entonce é o como o caso da cachaça que mexe comigo, num é? Nessa hora ficamos decepcionados com o resultado de nossa



explicação. Quando ele prosseguiu: no caso eu sou como a Darleny; o baré a porcaria da sociedade, cheia de tipus de bibidas; a beata amoralidadí e; a cana é aquilo que bebemos dessa sociedadí, que leva nois a fazer coisas por querer e sem querer, pra além de nossa vontadi. Acho que é isso que estão querendo dizer... Essa reflexão nos animava, até que ele continuou...mas ainda acho que é por dinheiro, né não Antoin? – Claro que não homi, é por

servengonha! Respondeu ele. Desistimos de explicar e voltamos para a pousada onde estávamos alojados.

Essa experiência nos serviu para refletir sobre o pensamento sociológico, o pensamento religioso, o senso comum e nossa posição no mundo.

A beata apresentou uma explicação baseada na religião, não possuindo nenhuma racionalidade, antes apoiando-se em suas crenças, o que chamamos de mito. Mito são todas as explicações baseadas em deus ou deuses. Já Antônio e o Equilibrista se apropriam do senso comum para explicar o caso de forma isolado do mundo, como simples escolha autônoma de Darleny. Suas interpretações estavam influenciadas pelas suas posições no mundo, assim como pela influencia deste em sua vidas.

Gostaríamos que eles entendessem a colaboração da Sociologia para compreender a questão da prostituição, sendo ela parte de uma estrutura, um conjunto de fenômenos interligados que de certa forma levou a Darleny àquela profissão. Assim, o caso desta mulher não era um caso isolado, como se tivesse em uma redoma de vidro. Antes, trata-se de um fenômeno fruto de nossa história, da pobreza, da falta de escolaridade, da corrupção e tantos outros fenômenos interligados direta ou indiretamente. O mais provável é que Darleny era prostituta devido sua história, a qual se entrelaça com a história do país, especialmente do interior do nordeste. Órfã desde os 6 anos de idade, criada pela tia como empregada, não teve condições de estudar, foi obrigada pela tia a casar muito cedo, tendo três filhos e logo ficando viúva. Darleny residia em uma das cidades mais pobres do Brasil, com pouco mais de 4 mil habitantes. Guaribas era marcada pelo trabalho de subsistência no campo e pelo preço elevado dos bens de consumo (devido ao difícil acesso à cidade). Parece que para ela, que não tinha terra para plantar o sustento de sua família, não havia muitas escolhas e nem condições de ter uma visão do mundo diferente. Parece que não lhe restou nada além de ter que deitar-se com estranhos para garantir o seu sustento e de seus três filhos.

Buscado ser críticos, no sentido de duvidarmos de tudo o que nos veem aos olhos e ouvidos, estaremos nos aproximando do pensamento sociológico. Se assim fizessem o balconista, o Equilibrista e a beata, talvez entenderiam que não era bem uma escolha, ou por “sem-vergonhice”, ou ainda por que o “diabo” a teria tomada. Antes, compreenderiam que o contexto social a qual Darleny viveu a influenciou fortemente para essa escolha. Claro que o raciocínio não para por aí. São necessários métodos científicos para compreender como o fenômeno da prostituição atua e se situa na estrutura social, bem como buscar identificar regras gerais capazes de explicá-lo. Alguns temas oriundos de conversas corriqueiras de bar, embora não tenham rigor científico, pode ser dotado de uma certa lógica racional, o que é o primeiro passo em direção ao conhecimento sociológico.

Embora o senso comum e a Sociologia pareçam distantes, não são. Naquele bar de Guaribas, poderia ocorrer uma discussão de caráter sociológico, desde que se atentasse para o método típico desta ciência. Poderíamos encerrar esse texto dizendo:

Veja como a Sociologia é útil! Mas optamos em terminar afirmando que o bar, o Equilibrista, a beata e a Darleny era um cenário de pura Sociologia, apenas eles não sabiam. E você, sabe? Talvez veio a seguinte frase à cabeça: “Eu nunca tinha pensado desta forma”. Se isso ocorreu, fomos mais aptos do que naquele dia... naquele bar de Guaribas.